

26  
MARÇO  
1979

ESCLARECIMENTO  
Boletim de Trabalhadores para Trabalhadores

NOTA DE ABERTURA

O interesse demonstrado por muitos trabalhadores em relação a dois documentos distribuídos pela signatária, veio confirmar a necessidade de continuar com um trabalho de análise e esclarecimento político e sindical, segundo o nosso entender diferente daquele que até agora tem estado à disposição dos trabalhadores. A independência de análise, a não obrigatoriedade de considerar tudo correcto só porque defendemos certos princípios ou Organizações, dá conteúdo, autenticidade e portanto força à defesa coerente dos verdadeiros interesses dos trabalhadores.

Efectivamente a grande maioria dos trabalhadores, continua a sentir a necessidade de diálogo informativo e formativo mais de acôrdo com as suas preocupações e estatura. Constata-se na realidade que se por um lado o grande capital continua, dentro de toda a lógica, a sua campanha de desinformação, as forças ao lado das quais está a grande maioria dos trabalhadores, com a sua continuidade de relutância à autocritica de correcção, para além de outras dificuldades do conhecimento comum, continuam a desempenhar um papel incompleto, nem sempre interpretando e traduzindo correctamente e com perfil autêntico, o sentir e as preocupações dos trabalhadores. Basta refletir na diferença entre as análises informais que diariamente são feitas pelos trabalhadores, nos seus locais de trabalho ou noutros de encontro regular, e a distorcida tradução que lhe é dada por certos quadros político-sindicalis em reuniões formais que se efectuam a vários níveis. É claro que a dissipação deste e outros fenómenos irá ser feita oportunamente e em artigos concretos. Entretanto, não deixa de continuar evidente para nós, uma questão central - um desenquadramento de certos quadros.

Continuamos a pensar que se a direita se assume complet e logicamente pela demagogia, pela mentira e pela calunia, partidos e organizações sindicais que os trabalhadores defendem, não podem continuar a dar cobertura a individuos também demagogos, também mentirosos e também caluniadores. E dizemos dar cobertura, porque estes senhores continuam como "responsáveis" em órgãos de direcção desses mesmos organismos, quando estes detêm ao longo de anos toda a potencialidade da acção nefasta daqueles "senhores responsáveis", em relação aos trabalhadores.

E para que melhor nos entendam, esses "senhores" não preocupam os trabalhadores, enquanto fisicos, enquanto pessoas. Preocupam sim e "só" por aquilo que os prejudicam, pelo que fazem e pelo que não fazem, em suma, pela sua acção lesiva a partidos de esquerda e a organizações de trabalhadores.

E porque interessa aos trabalhadores, a clarificação, e porque a confusão, a mistificação, a demagogia, continua a servir, não os trabalhadores, mas quem se lhes opõe, duma forma autêntica ou organizativamente encapotada, importa que fique cada vez mais claro o seguinte:

1- Apoiamos a CGTP-III porque:

Está completamente demonstrado que a maioria dos trabalhadores quer uma Central Unica e que na generalidade a CGTP-III se identifica com os seus interesses.

2- Criticamos construtivamente a CGTP-III porque:

a) Os trabalhadores, não têm encontrado por parte da CGTP-III a resposta autêntica, correcta e total no trabalho desenvolvido por esta Confederação.





b) Por falta de clarificação, se torna inexplicável, a manutenção de há anos a esta parte, de indivíduos no seio da CGTE-IN, mesmo no seu próprio Secretariado, que actuando pela objectiva ou subjectiva traição, por incompetência, por preguiça ou ainda por compromissos alheios aos trabalhadores, continuam a ser nocivos aos interesses que dizem defender.

Também importa dizer e a concluir, que duma forma geral o Movimento Sindical Unitário, que por uns é apelidado essencialmente de correia de transmissão de determinado partido, e por outros de organização certinha ou máquina que sem falhas defende intransigentemente os interesses dos trabalhadores, é efectivamente uma estrutura que os trabalhadores devem, no seu próprio interesse, analisar, criticar, corrigir, purificar e defender, para que o Movimento Sindical Unitário seja efectivamente organizado, coerente, autêntico e eficazmente actuante.

//

### ARTE E REVOLUÇÃO

A Associação de Amizade Portugal-Cuba, promoveu há dias, no âmbito do Aniversário da Revolução Cubana, um debate subordinado ao tema Arte e Revolução.

Partindo de uma certa dificuldade de definir Arte e definir Revolução, falou-se de poesia, falou-se de intelectuais, falou-se de Revolução Cubana falou-se de Che-Guevara, falou-se de Revolução Portuguesa.

Temos já ouvido falar destas coisas noutros lados.

Mas foi-se muito para além disto. Mais importante do que tudo isto, trabalhou-se, estudou-se e pensou-se.

Importa refletir: trabalhou-se, estudou-se e pensou-se.

Consideramos isto muitíssimo importante, porque, enquanto o poder falar tem sido muitas vezes um instrumento usado contra revolucionários, aqueles que têm querido delimitar a nossa Revolução à estatura dos seus interesses próprios ou da sua classe exploradora, o poder trabalhar, o poder estudar e o poder pensar, já se lhes torna muito mais perigoso e já põe muito mais em causa os interesses daqueles que tudo fazem para destruir o que conquistámos, e obstam aos nossos direitos e interesses.

Trabalhou-se, pensou-se e estudou-se Poesia e Revolução.

Para nós trabalhadores, isto é muito importante. Consideramos que os trabalhadores, os poetas e os escritores muito têm a fazer em conjunto. Não sabemos se aparece mais trabalho em quem faz poesia, se mais poesia em quem faz trabalho.

Naquela reunião, a resposta de um todo vivo, interessado e autêntico, foi suficiente para uma ou outra intervenção menos avisada.

Talvez que desenvolvamos num próximo artigo o conteúdo altamente positivo deste debate. Entretanto não resistimos à necessidade de transcrever um pequeno grande extrato de um poema do grande poeta cubano Nicolás Guillen, cuja gravação ouvimos:

Tengo que ya tengo  
donde trabajar  
y ganar  
lo que me tengo que comer.  
Tengo, vamos a ver,  
tengo lo que tenia que tener.

Para termos o que temos que ter, não basta falar. Para termos o que temos que ter há que trabalhar, pensar e estudar em Poesia, na Revolução.

Foi o que foi feito naquela noite na Associação de Amizade Portugal-Cuba. Costámos de trabalhar convosco.

Perdoe-nos o citado e desculpen-nos os restantes - ao Zé Saranago, o nosso muito obrigado.





CRÓNICAS E CRONISTAS...

Tivemos o grato prazer de, no "Diário de Lisboa" de 17 do corrente, lêr uma crónica sindical assinada pelo nosso prezado amigo Joaquim Calhau, membro do Executivo da CGTP-III.

Deste nosso amigo temos a experiência de cêrca de 800 kms. de anti-Fidel e pró Che, que nos deram algum trabalho e necessidade de apelarmos à nossa paciência para que fosse possível estabelecer nele o equilibrio e a justeza de análise, que ambos os perfis nos merecem.

Deste nosso amigo temos a experiência posterior, de o vêmos numa das tribunas do Campo Pequeno bem voltado para a tribuna central, a seu lado, e de braço direito bem levantado a apoiar um grande politico, secretário geral de um grande partido de esquerda.

Também temos deste nosso amigo a experiência de bon rapaz. Lembramos também da sua iniciativa de em terras distantes querer tirar a fotografia a uma pomba para poder demonstrar aos seus amigos, em Portugal que naquele País, as pombas não têm, como cá alguns dizem, uma só pata... Quando se nos afluera estas e outras imagens não conseguimos suster o esboçar de um sorriso e desfazer a sua imagem de bon rapaz. Só que, ao Movimento Sindical não é suficiente que da parte de um responsável executivo venha só aquela imagem.

Mas vamos à crónica...

Com a devida vénia transcrevemos alguns passos do seu artigo:

"Nem o capitalismo actual, nem nenhuma das modificações que lhe pretendem introduzir ou que se pretendem mascarar, poderá responder, ou satisfazer, as aspirações fundamentais dos trabalhadores, - aspirações a uma plena libertação, para uma maior liberdade de todos os trabalhadores. É por isso que o Movimento Sindical Unitário consciente desses factores e doutros, como a divisão sindical que procura obstar à construção duma nova sociedade, mais justa, fraterna e sem explorados - não exita em lutar permanentemente pela realização desse grande objectivo."

Apetece perguntar ao nosso amigo Joaquim Calhau, se contrário, como diz ser à divisão sindical, desenvolva, ele próprio, a sua actividade de dirigente sindical guiado pelas preocupações gerais do povo trabalhador, se conduz essa mesma actividade pelas directrizes da sua organização politica, ou ainda se, como bon rapaz, que é, sela o seu trabalho com ziguezagues que também ele, trabalho, passa por Fidel, por Che, por tribunas do Campo Pequeno, por pombas de duas patas e/ou por pombas de uma só pata. Voltamos à transcrição: - "Os activistas, os dirigentes e os delegados sindicais, o Movimento Sindical Unitário, actuam sempre de acôrdo com o sentir dos trabalhadores e do povo; esta Unidade e a nossa razão são a força que este Govêrno não conseguirá vencer."

Neste extracto, assume o amigo Calhau, plena responsabilidade daquilo que como dirigente sindical, transmite aos trabalhadores, ou fica-se pelo contrário, de à sua boa maneira lhes dar um pouco de "poesia"? Se pelo contrário, faz uma afirmação do que deseja ver concretizado, então sim, as nossas congratulações.

Mais uma vez transcrevemos: "A Constituição da República Portuguesa, tanto nos seus aspectos programáticos como pragmáticos de alteração e construção de novas estruturas, constitui, na identificação com os seus principios fundamentais, a baliza que separa os que constroem o futuro e, assim estão do lado dos trabalhadores, daqueles que persistem na exploração e no obscurantismo que é propicio, mas que o sentido da história inexoravelmente já condenou."

Quanto a isto, perguntamos ao nosso amigo: - na Organização cujo executivo integras, como e onde vês a baliza? Mais ainda: - qual o funcionamento af do sentido inexorável da história?...

Gostariamos, amigo Calhau de ter lido, na tua crónica, algumas linhas de trabalho desenvolvido no pelouro da Seguranga Social e Saúde que tu coordenas. Mas enfim, vamos indo...





ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA!

As Organizações, organizam-se; criam-se comissões e sub-comissões, preconiza-se todo um trabalho a desenvolver sobre este importantíssimo assunto. Põe-se o poder criativo a funcionar para que toda a gama de iniciativas seja levada à prática.

O Governo apoia e estabelece os contactos tradicionais.

Enfim, é toda uma grande máquina a trabalhar.

Desnecessário será dizer que não estamos a criticar ou a desaprovar qualquer iniciativa neste sentido.

Quando os trabalhadores se organizam, criam, trabalham, dão aquilo que têm em prol de algo muito profundo que sentem, é extraordinário.

Quando as organizações, comissões ou outras formas de agrupamento, produzem, criam e incentivam, sem aproveitamentos de qualquer tipo ou espécie, libertas de qualquer obrigatoriedade, é formidável.

Quando um governo de um país preconiza integrar-se em iniciativas de tal importancia, tem de estar, de facto, responsável da sua integridade e coerência.

Parece-nos não ser o que tem acontecido com o IV Governo, que, paralelamente à sua declaração de intenções, se tem negado, na prática, com toda a gama de agregações, que encontrarão como vitima final, a criança. Mas isto é o IV Governo... O IV Governo passará e os trabalhadores ficarão.

Serão estes trabalhadores, que naturalmente, sentirão a criança, serão eles que criarão as condições necessárias ao seu desenvolvimento, à sua transição para o Homem Novo. Homem Novo, que proporcionará às crianças a atenção prioritária de uma Nova Sociedade.

O nosso Boletim, muito naturalmente, inserirá em próximos numeros, neste Ano Internacional da Criança, espaços a elas dedicados.

//

NOTA FINAL

Fundação Cuidar o Futuro

Não pretende o nosso boletim ser mais que um simples elo de diálogo entre trabalhadores.

As suas limitações naturais são bem a prova do que afirmamos, a restrição natural aos meios técnicos, modestos mas cujo pagamento é suportável por trabalhadores, são o caminho possível para aqueles que não utilizam a independência como verbalismo. Isto porque, abdicar dos poucos meios utilizados e pagos, implicaria o recurso a meios técnicos de Organizações, que dizendo-se dos trabalhadores, estão ainda suficientemente susceptíveis à autocritica para não proporcionarem e colaborarem num trabalho com este conteúdo.

Por outro lado, o enriquecimento deste trabalho dependerá da participação de mais trabalhadores.

A medida que nos forem entregando colaboração, ficará o diálogo mais rico e o contributo que este boletim pretende ser, ficará cada vez mais valorizado.

//

P'lo "ESCLARECIMENTO"

*M. Reis*

Maria de Lourdes Reis

